40 ANOS DE STAR WARS: A SAGA E O PÚBLICO

André Luis Belletini¹, Luli Hata²

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. ¹Curso de História, Presidente Prudente – SP. ²Curso de Artes Visuais, Presidente Prudente – SP. E-mail: andreluizbelletini@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo desvendar e compreender os artifícios que fizeram com que a saga *Star Wars* (Guerra nas Estrelas, em português) conseguisse manter, ao longo de quatro décadas, um público fiel que possibilitou não só a manutenção como também a expansão da saga com o chamado *Universo Expandido*. Para o estudo, foram analisados dados e informações a respeito da saga em revistas especializadas, artigos e livros, em especial que tratam sobre a interação e assimilação, por parte das pessoas, de uma figura mítica como o herói. Concluiu-se que a jornada do herói como base arquetípica favoreceu o sucesso, bem como o próprio *Universo Expandido*, apoiada em outras estratégias pertinentes ao seu período de produção.

Palavras-chave: Cinema. Saga. Herói. Mito. Arquétipo. Star Wars.

40 YEARS OF STAR WARS: THE SAGA AND THE AUDIENCE

ABSTRACT

The present work aims to unravel and understand the tricks that made *Star Wars* successful for over four decades, with a loyal following that enabled not only the maintenance but also the expansion of saga with the so-called *Expanded Universe*. For the study, data and information about the saga in specialized journals, articles and books, particularly dealing on the interaction and assimilation of a mythical figure as the hero by the people. It was concluded that the archetypal hero's journey as base favored the success as well as the *Expanded Universe* itself, supported by other relevant strategies of its period of production.

Keywords: Cinema. Saga. Hero. Myth. Archetype. Star Wars.

INTRODUÇÃO

A série Star Wars, uma das mais famosas e lucrativas da história, é repleta de mitos e junções de valores de varias épocas e localidades. O primeiro filme da série, Episódio IV, foi lançado em 25 de maio de 1977 e logo se tornou um clássico popular; os dois episódios seguintes (V e VI) foram lançados com três anos de intervalo, em 1980 e 1983, respectivamente. Tem-se então um hiato de dezesseis anos até o lançamento da segunda trilogia da série, cujo último lançamento ocorreu em 2005.

A temática da série está embasada em um mundo futurista com valores e perspectivas bastante complexas em que se tem um constante atrito entre os “lados da Força”, em suma, o bem e o mal. O personagem de maior assimilação popular, sem dúvida, foi Lord Vader, uma espécie de vilão que as pessoas “adoravam odiar”. A grande questão é que o ser humano sempre se identifica com esse personagem, uma vez que ele é o mocinho, inverte seus valores e depois se redime, tendo então características bastante humanas.

A própria criação da série tem significados com grande potencial de atrair o imaginário popular, uma vez que George Lucas estudou Joseph Campbell antes de finalizar as cenas dos episódios em 1975. Lucas tinha em mente as questões que envolviam os arquétipos e as relações entre a sociedade e o mito que Campbell trata em seu livro *O Herói de Mil Faces* (1997). Vê-se então que havia certa intenção de que houvesse uma grande aceitação popular, embora a série tenha sido elaborada em dois momentos históricos divergentes. O próprio Campbell reflete que cada sociedade deve adaptar os *mitos* à sua realidade, assim as diferentes gerações podem estar olhando para o filme e interpretando de uma forma diferente e aplicando ou observando ali aspectos da sua realidade.

O interesse pela história por parte dos espectadores fez com que, acabada a segunda trilogia, a história continuasse a ser reproduzida em desenhos, revistas, gibis e crônicas. Tem-se então uma busca incessante por novas informações a respeito da história da saga.

Afirmar que o estudo contribui com a perspectiva interdisciplinar de análise científica, na medida em que História, Antropologia, Psicologia Social, Música e Artes Visuais, entre outras disciplinas, oferecem as ferramentas próprias necessárias para a pesquisa, enriquecendo a abordagem, seria muita pretensão. Especificamente neste trabalho, pode-se considerar que foram lançadas luzes a partir da História, Antropologia e Artes Visuais, esta última muito mais voltada para questões do imagético mítico, a partir do estudo da religiosidade e arquétipos empreendidos por Eliade e Campbell.

A partir da análise, visa-se entender as razões que movem diferentes grupos de pessoas, de gerações diferentes, a compartilhar a aceitação dos filmes, provocando uma interação entre elas que, não poucas vezes, resulta em encontros onde o tema é a saga *Star Wars*.

METODOLOGIA

A coleta de dados foi de base bibliográfica, à qual se confrontou a leitura dos filmes nos vieses imagético, simbólico, arquetípico e mítico. A abordagem discursiva (narrativa) se baseou em análise comparativa entre o audiovisual e Campbell (2007). A relação do público com a obra se deu dedutivamente, através de estudo sobre um fã clube da saga (SILVEIRA, 2010) e a fundamentação teórica em Hernandez (2005), Umberto Eco (1976) e Mircea Eliade (c. 1960 e s.d.).

Entre os dados coletados, buscaram-se referências sobre a recepção dessa produção ao longo dos anos, bem como críticas e resenhas sobre os filmes, de maneira a subsidiar o entendimento sobre se há ou não unanimidade entre as diferentes gerações que assistiram a saga. Não houve entrevistas com pessoas, apenas foram elencados artigos, críticas e resenhas que apontem para esse aspecto.

RESULTADOS

Ao se entender as relações que se estabelecem entre o inconsciente humano e o mundo dos arquétipos, se pode compreender então os fatores que levaram a saga *Star Wars* a conquistar um grande público.

O estilo de filme, que rompia com os demais filmes da época, criou novidade e ganhou um grande público devido a censura livre.

Assim pode-se atestar que a adaptação da saga aos movimentos histórico-sociais de sua época, representando assim a sociedade que lhe era contemporânea, bem como a exploração deste universo arquetípico e a forma serializada como a saga foi produzida acabaram por prender a atenção de um público durante um longo período.

A saga

De acordo com Silveira (2010) em comparação com outras sagas “a duração e a permanência do interesse por *Star Wars* são muito maiores e se mantém mesmo depois do fim da produção de filmes sobre a história de ficção científica [...]” (SILVEIRA, 2010, p. 14). Sem dúvida, os momentos históricos em que os filmes são produzidos exercem grande influência não somente no enredo, como também nos personagens e mesmo cenários. O filme, então, “[...] se bem analisado,

torna-se um excelente documento revelador de importantes aspectos dessa sociedade” (NÓVOA; FRESSATO; FEIGELSON, 2009, p. 94).

A primeira trilogia foi lançada no final dos anos 1970, um tempo de incertezas e diversas preocupações. O clima da Guerra Fria estava muito presente, movimentos pela paz no mundo haviam sido sufocados, os Estados Unidos viviam o trauma da Guerra do Vietnã, a economia ruía e as pessoas não enxergavam soluções em um futuro próximo. Realizar um filme com a guerra como tema seria algo arriscado. Entretanto, a saga de Lucas foi um grande sucesso talvez, e justamente, por trazer em seu enredo uma história diversa da de seu tempo. Podemos até conjecturar que o próprio título do primeiro episódio lançado – *Uma Nova Esperança* – queira demonstrar uma ruptura com aqueles tempos difíceis e desanimadores; assim é possível entender como Star Wars incendiou um grande público à medida que atendeu às suas expectativas.

Os espectadores entraram em contato com personagens e temas pelos quais se interessavam e não raras vezes se identificavam com os personagens. A ideia de um mundo totalmente instável, porém, que ainda tentava conciliar valores e práticas do passado era totalmente visível do lado de fora das telas: a busca por culturas tradicionais orientais e nativas norte-americanas, por exemplo, pelo movimento hippie, que, embora tenha perdido popularidade nos anos 1970, nos EUA, ganhou o resto do mundo a partir dessa década. Assim, o que provavelmente conquistou o público foi o fato de sempre existir uma esperança nos velhos valores e crenças (no caso do filme, na Força) e, sem dúvida, por se passar em um mundo fictício, sem a conhecida referência geográfica da Terra, onde a imaginação humana pudesse deleitar-se no mundo dos arquétipos.

Muitos fãs se mobilizaram e criaram filmes caseiros sobre a aventura de alguns jedi isolados na galáxia, cujo império ajudaram a destruir, bem como tentaram fazer filmes que contassem as passagens anteriores a *Uma Nova Esperança* e mesmo posterior ao *O Retorno do Jedi*. Até certo ponto foram mobilizados a isso por diversos concursos e premiações promovidos pela Lucas Filmes (SILVEIRA, 2010). O caráter gentil e poderoso dos heróis é constante, pois eles são sempre “um grande patriarca, mago, profeta ou encarnação”, então “permite-se o desenvolvimento de prodígios além de todos os limites” (CAMPBELL, 2007, p. 313). Esta ideia se observa nos jedi, que são os guardiões da paz.

Em 1999 é lançado *A Ameaça Fantasma*, retomando os três primeiros episódios não retratados na primeira trilogia. Porém, não bastava apenas ater-se à construção da narrativa, mantendo uma história coerente, mas deveria se levar em consideração um novo público que também estaria presente em massa nos cinemas, além daquele que assistiu à primeira trilogia. O

novo público imerso em um contexto diferente, habituado a uma visualidade e códigos diferentes, também deveriam ser atendidos. O cinema não poderia negá-los porque a cultura contemporânea:

[...] homogeneíza não apenas as obras arquitetônicas, os modelos dos veículos (independente de suas marcas), mas as práticas, os costumes, as expressões artísticas e culturais, identificando e responsabilizando o cinema e o rádio quase que exclusivamente como veículos dessa padronização (NÓVOA; FRESSATO; FEIGELSON, 2009, p. 90).

Para não haver um rompimento entre as duas trilologias, diversos elementos foram mantidos, como as transições entre cenas em cortina, o cenário dos planetas e coerência no figurino. Alguns personagens também foram mantidos para propiciar essa conexão entre as duas trilologias, por exemplo, Mestre Yoda e Obi-Wan, personagens fundamentais, mas também os dois andróides aventureiros, R2 e C-3PO, que desenvolveram papel muito relevante na *Guerra Civil Galáctica*, ao mesmo tempo em que divertiram o público em diversas situações. Tais personagens provocaram nostalgia no espectador que se interessava em saber o passado dos personagens da primeira trilogia, em especial Darth Vader.

Porém, alguns aspectos são notadamente diferentes como o ritmo do filme e o clima de ação, com lutas e destruições mais detalhadas. Muitos fãs da primeira trilogia criticaram a segunda justamente devido a estes elementos visuais demasiados, possibilitando assim observar que não só os filmes, mas também os agentes e os momentos históricos em que foram produzidos apresentam divergências.

Isso nos revela mais uma vez como os filmes podem representar a sociedade que o produziu e como “o cinema, de ficção em particular, parece muito produtivo para refletir a noção de representação” (NÓVOA; FRESSATO; FEIGELSON, 2009, p. 105). Grandes exemplos dessas representações são Han Solo, na primeira trilogia, e Anakin, na segunda. Conforme exposto, o clima de Guerra Fria, os movimentos pela paz e, principalmente, as atrocidades no Vietnã, tiveram grande efeito na opinião pública. Muitos foram os desertores exilados, perdoados pelo presidente estadunidense em 1977. Han Solo é um personagem representativo desse momento: irreverente, é o marginal que não está engajado politicamente, nem como situação, nem como oposição. E, com o agravante de ter aspectos antipáticos: Solo é, inicialmente, um personagem egoísta e que tenta levar vantagem em tudo que faz, possui imensurável gosto por dinheiro e está “enrolado até o pescoço” devido às suas dívidas com Jabba, o Hutt. Além disso, é um sedutor cafajeste, que se evidencia no trato com Leia, e sempre mantém seu orgulho. Porém, revela-se sensível e, devido a

um peso na consciência ao abandonar os novos amigos, Solo ajuda Luke na destruição da Estrela da Morte e junta-se à Aliança Rebelde.

Han solo é o anti-herói, personagem com características físicas ou morais que o destituíam da condição de herói, porém, que acaba realizando feitos importantes para o curso da história. Em muitos filmes, esses feitos se reverterem em algo positivo, neste caso, a vitória momentânea sobre a situação, dominada pelo mal.

Os idos de 1990 bem como o início dos anos 2000 são marcados pela globalização e já não há mais o bipolarismo político de outrora. Ações militares como a invasão do Iraque e as intervenções no Afeganistão puderam ser acompanhadas ao vivo pela televisão. Neste aspecto há uma juventude muito mais acostumada à agilidade das imagens e efeitos de *games*, portanto, familiarizada com imagens que antes impactaram na década de 1970. É neste cenário que surge Anakin, escravo do desleal mundo dos Hutt (*A Ameaça Fantasma*) e que se revela ser um jovem extremamente pragmático e imediatista (*O Ataque dos Clones* e *A Vingança dos Sith*). Justamente devido a esse aspecto Anakin cede ao lado negro da força (necessitava de uma solução rápida para evitar que suas premonições com a morte de Padmé se concretizassem).

A constituição de heroínas em *Star Wars* também revela o momento histórico em que as narrativas foram produzidas. Nas décadas de 1960 e 1970, ocorre a chamada segunda onda do feminismo que reivindicava direitos iguais entre os sexos e o fim da discriminação. O movimento feminista deu a *Star Wars* uma brilhante guerreira: Princesa Leia.

A princesa Leia se destaca na saga como uma das líderes da Rebelião e no comando das estratégias, assim como nos próprios combates. Segundo o *Universo Expandido*¹, Leia ingressara no senado imperial aos 14 anos. A ideia de guerreiras aparece na segunda trilogia com Padmé Amidala, a mãe de Leia. Padmé foi rainha de Naboo e senadora durante a República, uma grande líder que lutou contra a Federação ora pessoalmente (*A Ameaça Fantasma* e *O Ataque dos Clones*) ora politicamente (*A Vingança dos Sith*). Na segunda trilogia temos várias Jedi que são mestras, cavaleiras e padawans, embora nos filmes elas apareçam apenas como figurantes. No *Universo Expandido*, muitas delas realizam importantes missões contra a Federação do Comércio.

Uma característica arquetípica de *Star Wars* pode ser observada na recorrência de acontecimentos, mas com personagens diferentes. Por exemplo, Luke corta o braço de Vader em *O Retorno do Jedi* em retaliação ao seu próprio braço decepado em *O Império Contra-Ataca*. O mesmo se passa entre Anakin e Dookan. Outro exemplo de repetição pode ser visto quando os

¹ O *Universo Expandido* refere-se a todo o material produzido paralelamente à produção cinematográfica, incluindo-se os materiais licenciados como brinquedos e jogos, além de HQs, livros, séries de TV e outras mídias.

Wookies confrontam a Federação do Comércio em *A Vingança dos Sith* e os Ewoks lutam contra as tropas imperiais em *O Retorno do Jedi*. Nos dois casos, são exércitos caracteristicamente primitivos enfrentando tropas bem equipadas. Dois romances, um em cada trilogia, também reforçam a ideia de repetição. Na primeira trilogia tem-se o romance entre Leia Organa e Han Solo, embora haja uma repulsa de Leia quanto a Solo devido ao caráter mesquinho e apartidário deste. Durante a segunda trilogia dá-se o romance entre Anakin e Padmé, que é muito relevante em *O Ataque dos Clones*.

A figura de Darth Vader, talvez a mais significativa na saga, também contribuiu para manter um público cativo. Durante a primeira trilogia é possível descobrir que antes de converter-se ao lado sombrio, Vader chamava-se Anakin Skywalker e, embora desde *A Ameaça Fantasma* seja possível saber quem ele é, diferente de Sidious, tem-se a curiosidade de saber como Anakin foi cooptado pelo lado sombrio.

Vê-se que Anakin passou por uma série de frustrações, como a proibição de seu relacionamento com Padmé ou a morte de sua mãe, até que cedesse ao lado sombrio. Durante *O Ataque dos Clones* e *A Vingança dos Sith*, Anakin muitas vezes se revolta contra os princípios Jedi e isso preocupa Obi-Wan, que nota em seu aprendiz, inclusive, o orgulho, sentimentos estes (revolta, orgulho) que deveriam ser extintos durante a fase da iniciação, na qual as “ambições pessoais” devem ser “dissolvidas” (CAMPBELL, 2007, p. 231).

Embora Anakin discordasse de diferentes atitudes Jedi em *A Vingança dos Sith*, o estopim para sua conversão ao lado sombrio se dá pela necessidade de salvar Padmé. Com a notícia de sua morte, Vader crê que não há mais redenção para si e permanece como o grande vilão que todos “amaram odiar” na primeira trilogia.

CONCLUSÃO

Assim pode-se entender o porquê de certas diferenças ou semelhanças entre as trilologias bem como porque pôde *Star Wars* manter-se em meio a diferentes gerações. O êxito se dá porque George Lucas soube dar ao público o que ele ansiava e soube cativá-lo com mudanças quer sejam elas quase imperceptíveis notáveis. O fato de dividir a história também manteve as expectativas e as atenções dos fãs.

Além disso, é importante observar que a censura livre não restringe o público, garantindo um maior número de expectadores sem limite de idade. Soma-se a isso a constituição de um *Universo Expandido*, alimentando e sendo alimentado pela produção cinematográfica, contribuiu muito para a manutenção de um público fiel.

Os filmes da saga sempre estiveram relacionados ao imaginário popular bem como puderam, ao longo de seus lançamentos, representarem a sociedade que os produziu. Sem dúvida foram produto de seu tempo, mas também puderam sobressair-se aos demais filmes, pois trouxeram novidades e esperanças, diversos fãs-clubes foram criados e até mesmo uma religião jedi foi instituída (SILVEIRA, 2010). Se isto aconteceu foi porque se soube muito astuciosamente lidar com o imaginário arquetípico das pessoas e de seus tempos, e serializando a saga se pôde por muito tempo cativar um grande público.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J. **A imagem**. 2a. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2007. 11 reimpr. da 1 ed. de 1989.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIADE, M. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70. Edição original de Éditions Gallimard, 1969.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 1 ed. 1992.

HERNÁNDEZ, F. ¿De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual? **Edição & Realidade**, v. 30 n. 2, p. 10-34, jul./dez. 2005. ISSN 0100-3143 (impresso); 2175-6236 (online). Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12413>>.

SILVEIRA, S. C. D. **A cultura da Convergência e os fãs de Star Wars**: um estudo sobre o conselho Jedi RS, 2010. Dissertação (Programa de pós-graduação em Comunicação e Informação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação; Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.